

**GEOGRAFIAS DO MEDO:  
REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA URBANA  
NA VIDA COTIDIANA DE BELO HORIZONTE**

**Bruno Fernandes Magalhães Pinheiro de Lima**

Graduado em Geografia pela PUC - Minas / brunofmpl@yahoo.com.br / Av. Ressaca, 325, 801, Belo Horizonte, MG – Brasil – Telefone: 55 31 3464-6326

**Valnei Pereira**

Orientador, Geógrafo formado pelo IGC/UFMG, Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/ UFRJ, Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/USP, Docente e Pesquisador da PUC – Minas / valneipereira@uol.com.br / Av. Dom José Gaspar, 500, Belo Horizonte, MG – Brasil – Telefone: 55 31 3269-3200

Este trabalho apresenta desdobramentos da Monografia de conclusão do curso de Graduação em Geografia e tem como eixo de análise o impacto da violência urbana no espaço e na vida cotidiana de Belo Horizonte. Nosso esforço centra-se na superação da reflexão da violência urbana para além das suas leituras quantitativas, suas abstrações cartográficas e sua captura como espetáculo de horror midiático, mas, sobretudo, nas suas representações e imaginários sobre a vida cotidiana na metrópole contemporânea. Referenciados por autores como ARENDT, WACQUANT, LEFÉBVRE, DE CERTEAU, JACOBS, DAVIS, HARVEY, HAESBAERTH, RIBEIRO e CALDEIRA, propomos um novo olhar para as relações entre espaço, violência e vida social, uma perspectiva importante para compreender as complexidades culturais, sociais e políticas que envolvem a violência, sua espacialização e suas mutações territoriais. A pesquisa orienta-se metodologicamente a partir da definição do conceito de violência urbana, sua relação com a cidade e ainda na sua percepção manifestada na experiência dos sujeitos para com distintos espaços na cidade (central e periférico). A proposta aponta para os desafios de enfrentamento e superação da violência urbana mediante um desvelamento de seus significados, amplos e reais, sobre as práticas espaciais, os trajetos, as paisagens e os lugares.

**Palavras chaves:** *violência urbana, medo, vida cotidiana, Belo Horizonte.*

## Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar a construção social do medo presente no espaço cotidiano da metrópole de Belo Horizonte. Procurando perceber como a relação entre o indivíduo e os grupos sociais se alteram, a pesquisa visa explorar novas perspectivas de análise da violência pela Geografia. O espaço de análise é o centro tradicional de Belo Horizonte.

O medo está relacionado ao desconhecido, podendo se expressar de várias maneiras, seja através do convívio com os estranhos e a vivência da diferença, assim como construído por processos comunicacionais e de consumo, muito presente nas áreas centrais metropolitanas, palco da diversidade e da multidão. Paradoxalmente é também no centro que se registram as maiores e menores taxas de criminalidade na cidade. Sendo assim a pesquisa se debruça no espaço central, pois nele podem ser analisados dois contextos territoriais relacionados à violência/medo: o maior índice de criminalidade da capital mineira - localizado na região da Rodoviária - e os menores índices – identificados na Praça Raul Soares. Delimitamos, portanto, um espaço central que representa a diversidade de significados em torno da relação entre medo, violência e vida cotidiana.

Os espaços centrais tradicionais, e, mais precisamente Belo Horizonte, estão passando por intensas modificações que reúnem todas as características de uma grande metrópole, portanto convivem com algumas conseqüências: desapropriação, desvalorização econômica e intervenções urbanas homogeneizantes. Estes fenômenos são corriqueiramente citados como conseqüências da degradação econômica ocasionada pela criminalidade, daí o grande interesse na área, afinal convive com a constante pressão – imaginada ou real – da violência e medo urbano.

Desenvolvemos o estudo a partir da perspectiva da vida cotidiana, pois entendemos que a violência e o medo constroem novos usos e apropriações no espaço urbano. Quando estamos pressionados por estas sensações modificamos hábitos, como os trajetos pela cidade, locais de compra, os horários e a freqüência à espaços públicos, entre outros.

Sendo assim este trabalho se orienta pela definição de vida cotidiana, violência e medo, sendo a relação destes responsáveis pelas geografias do medo. Propomos um novo enfoque metodológico que aproxime a pesquisa, através da cotidianidade, aos sentidos e significados da experiência urbana.

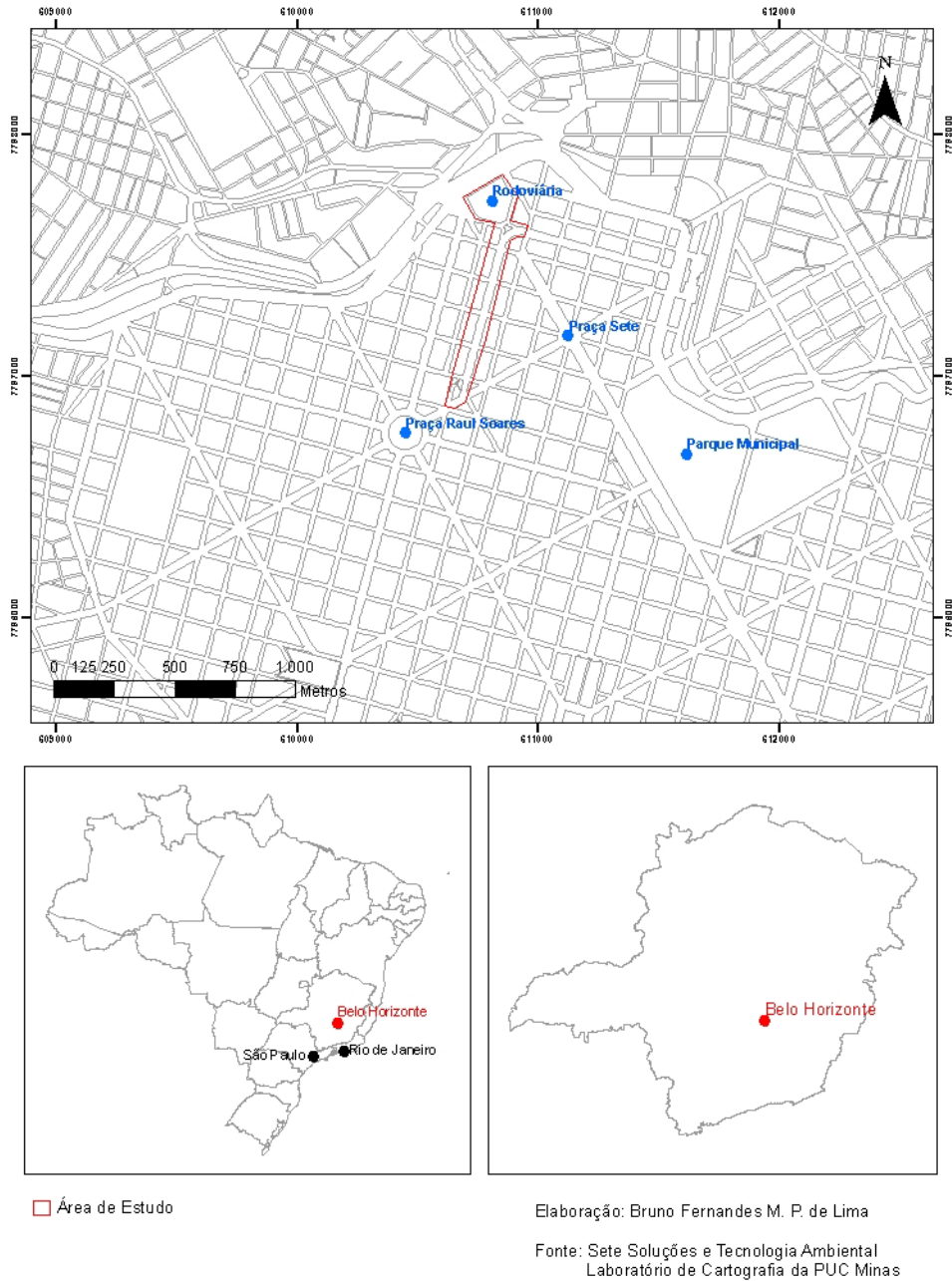


Figura 1 – Localização da Área de Estudo

## Espaço e Vida Cotidiana

Quando pensamos na vida cotidiana invocamos, equivocadamente, a vida banal e corriqueira. No cotidiano atribuímos a noção de presente, e o momento da vida em que realizamos tarefas, teoricamente, sem nenhum significado para a sociedade e que apenas referem-se a necessidades momentâneas como: tomar um banho, regar as plantas, limpar o quarto, ir à padaria...

Ao ligarmos a cotidianidade ao banal acabamos negando a ela o grande valor que possui em nossas vidas, pois é realizando as tarefas banais que (re)produzimos valores. De acordo com LEFÉBVRE (1991, 20): “Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidade etc) interação dialética da qual seria impossível não partir para realizar o possível (as totalidades dos possíveis)”.

O sentido de reprodução ganha um enorme peso na produção do cotidiano, afinal as práticas se tornam repetitivas ao longo do tempo e é através da reprodução de relações sociais que padrões de segregação espacial perpetuam-se.

Mas é igualmente importante salientar o valor da produção, desacompanhada deste prefixo *re*. Afinal reproduzimos o nosso passado, é por isso que existe a memória, sendo preservada desde as fotos de família até as políticas de preservação de patrimônio cultural, ou seja, ocorre a preservação a fim de se evitar o esquecimento.

No cotidiano esta preservação acompanha-se de práticas passadas de “pai para filho” como o modo de se vestir, o valor a artefatos familiares transmitidos por várias gerações (as jóias de família, os lugares de encontro das comunidades de amigos...). O cotidiano é presente, mas como anteriormente mencionado é formado nas práticas do presente, portanto um repertório constantemente recriado e que reproduz de modo transformador as necessidades diárias que ao se modificarem (re)produzem um novo cotidiano.

Esta condição presente, carregada pela história é lembrada por DE CERTEAU (1991, 31): “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou o que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia pela manhã aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior (...). Não se deve esquecer este mundo memória, (...). É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares de infância, dos prazeres”.

De acordo com LEFÉBVRE (1991, 39): “Um lugar desdenhado e decisivo, que aparece sob um duplo aspecto: é o resíduo (de todas as atividades determinadas e parcelares que podemos considerar e abstrair a prática social) e o produto do conjunto social. Lugar de equilíbrio, é também o lugar em que se manifestam os desequilíbrios ameaçadores”.

O autor deixa claro o teor dialético da cotidianidade, pois seria na vida cotidiana, práxis, ou dia-a-dia de nossas vidas, que construiríamos a sociedade através da criativa relação entre indivíduo e grupo diante das condições/necessidades, da vida – ou sobrevivência, e neste sentido desde a alimentação até a reprodução da hierarquia social.

Mas o que seriam estas necessidades, a que elas se referem? Afinal, não são elas que motivam a cotidianidade? As necessidades são construídas a partir da satisfação, “uma saturação tão rápida quanto possível (quanto às necessidades que podem ser pagas)” (LEFÉBVRE, 1991, 89). Na sociedade capitalista as relações sociais estão mediadas pelas relações de classes e os papéis que estas desempenham para a estruturação do capitalismo. Ora, o capitalismo possui um objetivo básico e simples: o lucro, através da reprodução ampliada de capital. Sendo assim as necessidades da sociedade capitalistas estão diretamente relacionadas a este objetivo.

Percebemos que é através do cotidiano que se estruturam os processos sociais. É quando a satisfação cria necessidades que contemplam os objetivos do modo de produção.

Chegamos à conclusão que a vida cotidiana estabelece-se através das necessidades e apropriações, constituídas pela busca de satisfação, que por sua vez são orientadas pelo consumo. Estes fatores compõem o dia-a-dia das pessoas na “fabricação” de suas vidas.

A vida cotidiana está intimamente ligada ao espaço, afinal é nesse que ela acontece. Sendo influenciada por todos os processos que se desenvolvem nele, e ao mesmo tempo, sendo responsável por estes processos.

Quando pensamos no espaço, espontaneamente, invocamos representações topológicas de nossa vida, ou seja, falar sobre o espaço seria relacionar a nossa vida ao lugar. O espaço seria o “palco” aonde ocorre a vida, seja a social, seja a natural. Sendo assim o espaço reflete e especifica a vida. De acordo com Santos (2006, p. 108) “é a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida”.

O espaço adquire vários significados, e estes são definidos pela perspectiva que conferimos a ele. Ao definirmos o espaço, simplesmente, como local; reduzimos seu verdadeiro impacto sobre nossas vidas. Afinal vivemos nele e suas características nos envolvem. A relação que se estabelece é dialética, pois não somos condicionantes do espaço e tampouco, apenas, condicionados por ele.

Quando fazemos do espaço nosso lar, conferimos um significado a ele, este significado irá induzir o nosso uso e apropriação sobre ele. Neste momento o espaço respondeu à nossa ação, e em vez de apenas produzi-lo passamos também a sermos produzidos por ele. Portanto é razoável afirmar que ao nos relacionarmos com o espaço, estabelecendo uma relação dialética, conferimos significados a ele e este irá construir novos significados e significantes.

O espaço é (re)produzido a partir das necessidades humanas, em todos os fatores, o espaço é habitat, mas também lugar da produção material e cultural e é o resultado dialético destes fatores que produz um espaço síntese. Portanto a construção do espaço é consequência de seu uso-função e apropriação.

Estas relações de (re)produção do espaço são desenvolvidas através da cotidianidade, pois é dela que surgem as necessidades. As necessidades de habitar, comer e consumir transformam espaços, adequando estes a estas necessidades.

Sendo assim espaços podem se especializar para se tornarem apenas áreas residenciais ou locais de consumo (shopping centers), ou pode se diversificar, daí os espaços centrais, que concentram diversos usos, atendendo à diversas necessidades ao mesmo tempo.

## **Violência e medo**

A violência sempre foi uma característica das sociedades humanas durante toda a sua história. Sempre nos recorreremos a ela para atingirmos algum tipo de objetivo. Ela está presente em guerras, mas também, e principalmente, no controle social. E deste modo ela se faz constante na sociedade e, portanto, cotidianamente.

Toda sociedade de classe – e todas as são – são repressivas. De acordo com LEFÉBVRE (1991, 155) elas estão orientadas pelo “duplo meio da persuasão (ideologia) e da opressão (punições, leis e códigos, tribunais, violência preparada para não se servir dela, violência aberta...)”. A ação destes meios encontra-se na cotidianidade, é nela que a persuasão e opressão se legitimam e exercem o controle da sociedade.

O autor constrói o conceito de sociedade terrorista, que encontra três momentos: o embrionário, a super-repressiva e, o estágio final, terrorista. Todas se estabelecem via cotidianidade, através do binômio persuasão-opressão. Na primeira o cerceamento decorre-se pelos processos biológico-fisiológicos da sociedade (como o incesto). A segunda estabelece a auto-repressão, que através da persuasão constrói no indivíduo e grupo o aparato opressor/repressor internamente. Sobre esta LEFÉBVRE (1991, 157) faz a seguinte observação: “A sociedade super-repressiva se definia como aquela cuja linguagem e representações, iludindo os conflitos, não se prestando para as expressões dos conflitos, embotam ou até mesmo, eliminam as contradições”.

A repressão não está explícita, pois ocorre indiretamente através da auto-repressão existente nos grupos e indivíduos, “as opressões parecem espontaneidades” (LEFÉBVRE, 1991, 158).

A sociedade terrorista surge como continuidade lógica à sociedade super-repressiva. Ela adquire uma dinâmica que oprime o indivíduo ao coletivo dentro de

valores repressores que pretendem entrar em sinergia com as vontades da classe dominante, para LEFÉBVRE (1991, 158): “A diferença entre a consciência dirigida de fora (*other directed*, segundo Riesman) e aquela que se dirige a si mesma (*inner directed*) cai por terra, pois o que se mostra como o de *dentro* não é mais do que o de *fora* investido e travestido, interiorizado e legitimado”.

Portanto, na cotidianidade, encontramos a violência. A violência está posta como um elemento que controla a sociedade. Seja através da coerção física - como no caso do assaltante pego em flagrante, do indisciplinado filho - ou através de sua insinuação.

Logo ao analisarmos a violência devemos analisá-la como processo entre persuasão-repressão, mas não apenas a serviço da repressão, mas também como persuasão.

A violência também é insinuação, ou seja, possibilidade. Ela se torna uma insinuação através do medo, com a mesma pretensão de controle social. Citando o ilustre presidente brasileiro Washington Luiz: “o problema social é caso de polícia”. Sobre o medo LACERDA; QUEIROZ, (2005, p.5) fazem a seguinte observação: “Ademais, o medo nada mais é que uma experiência, dentre tantas outras, ligada diretamente à institucionalização da vida em sociedade. A sua difusão, em grande parte, compõe o arcabouço de estratégias de dominação social e política dos indivíduos. Pode-se afirmar que a produção do espaço social embute, invariavelmente, estratégias de controle social, onde o medo é um ingrediente de fundamental importância. Nesse sentido não parece nenhum absurdo se falar na existência de uma cultura do medo, em particular na sociedade urbana contemporânea”.

Esta relação entre violência/medo é construída na cotidianidade, justamente através dos elementos apontados por LEFÉBVRE (1991): persuasão e repressão. Toda sociedade constrói-se através de relações de poder, e somente por elas que a sociedade de classes se constitui.

Para exercer o controle social é fundamental a posse do poder e como nos lembra ARENDT (1996) o poder é diferente da violência, e que jamais através da violência se construirá poder. Mas a própria autora afirma que a violência é um eficaz modo de repressão. Vivemos uma sociedade (terrorista) que existe através do poder e



da violência, pois como vimos a liberdade é apenas uma abstração contida na negociação entre valores e necessidades desta sociedade.

### **O Espaço Cotidiano do Medo**

Quando discutimos a relação violência/medo com a vida cotidiana pretendemos indicar que o primeiro é uma importante influência sobre o segundo, pois altera as necessidades da cotidianidade. Portanto estar num ambiente seguro garante tranqüilidade às pessoas, permitindo o desenvolvimento de uma vasta rede social, como nos lembra LYNCH (1997, 5): “Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo à sua volta”.

Mas, a sociedade atual convive com um constante estado de alerta, pois a vida na cidade tornou-se perigosa, uma vez que existe sempre a possibilidade de nos tornarmos vítimas de algum tipo de violência. Afinal os relatos de vítimas da violência urbana ganham grande divulgação através dos meios de comunicação, em especial a mídia, naquilo que se tem definido por espetacularização da violência e do medo.

O medo tornou-se uma importante variável no cotidiano urbano, pois sua presença altera padrões de comportamentos banais, como o caminho que realizamos para voltar para casa, o modo que as mulheres seguram suas bolsas na rua, onde moramos e assim por diante. Novas relações estabelecem-se no espaço devido ao medo. A cidade modifica-se em sua forma, função e processo a partir da influência deste.

O surgimento dos enclaves fortificados aos quais nos sugere Caldeira (2000) indica um novo padrão de moradia que pretende através do isolamento sócio-espacial atingir a segurança. A justificativa para a fuga aos enclaves fortificados deve-se a degeneração das áreas centrais e tradicionais da cidade, que diante da diversidade social estaria infiltrando no meio da sociedade desviantes denominados como underclass. Esta seria justificativa para a fuga, porém não condiz com a realidade, uma vez que a diversidade como nos mostra JACOBS (1996) e DAVIS (1992) são os grandes responsáveis pela segurança do espaço público.

A criação do enclave fortificado é na verdade um processo urbano que pretende gerar novos produtos imobiliários a partir de uma demanda real (segurança), mas, na realidade não são suficientes para contornar o problema. O que queremos indicar aqui é que estes novos modelos de urbanização, ou moradia, são resultados de uma sociedade em que o perigo: “(...) está também difuso e presente nos mais recônditos espaços da vida social. Todo contato ou vínculo passa a ser visto como sendo passível de ‘impureza’, o que reforça expectativas de isolamento e segregação”. (ADORNO, 1992, apud LACERDA; QUEIROZ, p.22).

As grandes cidades são espaços que possuem como principal característica a sociabilidade (JACOBS, 2001; SANTOS, 2006), ao concentrar um enorme contingente populacional num espaço que compartilhado por diferentes usos e funções.

Sendo assim é impossível “ser próximo” a três milhões de habitantes. É esta impessoalidade que permite o avanço do medo, pois quando o elemento estranho passa a ser considerado ameaçador, e como estamos numa sociedade aonde todos são estranhos, somos conseqüentemente, ameaça e ameaçados por todos, estabelecendo uma rede de desconfiança.

De acordo com TUAN (1983) os mitos florescem na ausência do conhecimento preciso, os mitos são explicações para o que desconhecemos, na sociedade atual estranhamos e desconhecemos os outros. O mesmo autor divide o espaço em espaço mítico pessoal e impessoal. O primeiro ocorre através da cultura – como histórias sobre a família – a mitificação da vida cotidiana daquele tempo e daquele povo. No segundo é a projeção do espaço desconhecido que se faz conhecido pela necessidade de nos sentirmos seguros. Neste projetamos a possibilidade, que de acordo com o autor se faz mito (devido ao elemento desconhecido), de sabermos o que ocorre no espaço imaginado que faz parte de nosso cotidiano e tempo. Por exemplo, a “certeza” de que na cozinha está tudo bem, mesmo não estando lá, ou que não haverá uma guerra nuclear. Esta observação é extremamente relevante, pois nos mostra que a segurança está intimamente ligada à confiança social. Portanto o medo na sociedade contemporânea é, primariamente, resultado da desconfiança no outro.

O sociólogo WACQUANT (2005) nos mostra que foi a deterioração do tecido social que desagregou a comunidade afro-americana dos guetos e, portanto, o

esvaziou. Este esvaziamento ocasionado pela desagregação da comunidade, ou seja, a quebra dos laços de confiança nos estranhos ocorreu quando os moradores locais passaram a desconfiar do vizinho e a se mudarem para subúrbios próximos as residências dos brancos. JACOBS (1996) faz uma observação semelhante, mas neste caso ela explica quando os guetos eram calmos. A autora nos mostra que eram os laços de convívio no espaço público, mantido por sua multifuncionalidade, que o tornava interessante e, portanto seguro, já que todos usavam a rua e geravam movimento, diferente das áreas suburbanas projetadas pelos modernistas que eram desertas e tediosas, logo perigosas.

Diante desta mudança (a desconfiança) a cidade muda, quando todos somos ameaça à todos. O convívio se vê na berlinda e as relações sociais estabelecidas pela proximidade desaparecem, logo os espaços públicos que promovem a interação social baseada na diversidade tornam-se obsoletos, pois o diferente é perigoso.

O combate ao espaço público foi observado por DAVIS (1992, p. 191): “A lógica utópica (literalmente não-lugar) de suas subdivisões em lugares esterilizados totalmente desprovidos de natureza e história, cuja diretriz visa somente o consumo familiar privado, evoca muito da evolução passada das vilas residenciais padronizadas do sul da Califórnia. Mas os incorporadores não estão somente reempacotando o mito (a boa vida nos subúrbios) para a próxima geração; eles estão alcovitando um novo e crescente medo da cidade”.

Outras medidas, lembradas também por Davis, remetem à construção de um espaço urbano que pretende pela homogeneização social e controle dos espaços públicos. Por exemplo, os sistemas de segurança que recriam um constante *big brother* nos grandes centros urbanos.

Para DAVIS (2001, 348): “esta vigilância abrangente cria um ambiente minuciosamente vigiado – um espaço de visibilidade protetora que cada vez mais define onde os empregados de escritórios e turistas de classe média podem se sentir seguros no centro da cidade”.

A vigilância realçada por Davis deixa claro o controle do espaço público pelo privado, mesmo que os sistemas sejam públicos (como o Olho Vivo em Belo Horizonte)

eles possuem uma tendência privatizante do espaço, que através da constante vigilância almeja realizar um controle sobre a conduta das pessoas.

A grande questão que nos envolve é como a vida cotidiana, guiada pelo medo, constrói um espaço novo. Este espaço privilegia o isolamento, por evitar que relações sociais estabeleçam-se com o espaço, afinal os enclaves fortificados viram as pessoas para dentro de suas casas e não à rua. Como a cotidianidade é afetada pelo medo e as relações com o espaço se modificam?

## **Geografias do Medo**

Este trabalho assumiu como proposta estabelecer a relação que o medo estabelece na construção cotidiana do espaço, na qual evidenciam-se as geografias do medo.

A geografia propõe o estudo do espaço, mas não qualquer espaço, ela tem como foco o espaço humano. Assim a geografia pretende estudar a relação que a humanidade cria com o espaço, e esta relação é firmada cotidianamente, através das práticas banais de (re)produção da vida.

O medo afeta diretamente a nossa vida, historicamente as sociedades humanas conviveram com ele. O medo, como nos lembra TUAN (2005), é basicamente a sensação que temos sobre algo desconhecido, logo nas comunidades primitivas, na antiguidade e no feudalismo, desconhecíamos a natureza, e era o estranhamento a ela que gerava o medo, alguma besta marinha, deuses que nos observavam da lua... Porém com a cidade moderna e a revolução industrial superamos o medo da natureza, pois agora a compreendíamos, sabíamos como funcionava, passamos a intervir e controlar muitas de suas ações, e o que não controlamos – o clima, por exemplo – monitoramos e compreendemos o seu funcionamento. Logo superamos este temor e a ansiedade sobre a desconhecida natureza acabou-se.

Portanto de onde vem o nosso medo? O geógrafo chinês, mas pesquisador nos Estados Unidos, em seu livro Paisagens do Medo (2005), YI-FU TUAN, tenta nos responder esta pergunta realizando um resgate histórico sobre a função do medo em nossas sociedades. O medo continua no desconhecido, mas como vimos na cidade

atual o desconhecido se encontra nas outras pessoas. A sociabilidade, característica tão intrigante de uma metrópole (JACOBS, 1996; SANTOS, 2006), seria o grande “vilão”. A cidade obriga o convívio com os estranhos e quando o tecido social é corrompido devido a degradação da confiança no estranho o medo começa a reinar na sociedade.

Este cenário de desconfiança ocorre quando passamos a desconfiar daquele que está próximo a nós. Mas como isto ocorre, quando isto começou? As respostas a estas perguntas caem sobre o mesmo impasse de perguntas como: quem veio antes: o ovo ou a galinha? As relações são dialéticas e estão todas conectadas.

A cidade moderna trouxe a sociabilidade, porém esta também estava submetida a pressão competitiva do capitalismo, logo, numa sociedade em que todos competem por um emprego, qualquer um pode ser substituído. Esta lógica é fundamental na desagregação social e no alastramento da desconfiança, pois no momento em que nossa sobrevivência depende do fracasso de alguém, passamos a ignorar as necessidades dos outros, pois, culturalmente e psicologicamente os nossos interesses sempre estão na frente.

O outro fator diz respeito à massa de excluídos e os seus meios de conseguirem sobreviver. A necessidade define nossa cotidianidade, logo se a nossa necessidade for conseguir o que comer todos os dias através de batalhas diárias adotaremos hábitos diferentes das pessoas que apenas se preocupam com a alimentação uma vez por mês ao escrever a lista do supermercado. A exclusão social gerou uma condição que para algumas pessoas sobreviverem precisam cometer agressões às outras, sendo assim, ser assaltante não é uma opção, é uma condição.

A concentração de agressões a um espaço o torna estigmatizado. Ora, assaltantes irão “trabalhar” em locais que concentram muitas pessoas, por dois motivos: maior quantidade de alvo e maior facilidade de se misturarem na multidão e assim passarem despercebidos. Logo os espaços centrais das cidades são os principais locais de ação deste grupo.

Quando os crimes começam a acontecer eles, inevitavelmente serão conhecidos pela população, seja pelos meios de comunicação, seja pelos relatos de indivíduos que sofreram, ou conhecem alguém que sofreu alguma agressão naquele espaço. Sendo

assim os estranhos de espaço central, devido a incidência de crimes na região, se tornam possíveis assaltantes, e assim temos a confiança no estranho definitivamente quebrada.

Esta é a geografia do medo, é o espaço no qual, através do medo, (re)criamos nossa cotidianidade, estabelecendo a partir desta perspectiva a nossa relação com o espaço e com as pessoas que nos cercam. É o medo (re)criando espaços sobre suas perspectivas perceptivas e representacionais, reais ou imaginárias.

Neste momento procuramos encontrar estas evidências, ou seja, pretendemos descobrir onde está a geografia do medo e que formas e práticas ela assume em uma grande metrópole. Para isso foi realizado um estudo de caso que permitisse lidar com um espaço no qual se concentrem as características básicas de uma metrópole e o estigma, ou as vias de fato, da violência urbana. Logo o estudo debruçou-se sobre uma área que o medo, a violência e a imaginação convivessem.

## **Belo Horizonte e o Crime**

A cidade de Belo Horizonte foi inaugurada em 1897 para ser a capital do estado de Minas Gerais. Pensada num momento histórico que coincidem vários fatores culturais e econômicos no mundo e no Brasil.

O fim do século XIX no Brasil trouxe o início da república, assim como a democracia, portanto é o fim da monarquia e o início de um Estado inserido na modernidade global. A construção de uma nova capital mineira simbolizava a construção, ou materialização, do novo momento brasileiro. O país tornara-se moderno, assim como Minas Gerais, e era necessário encontrar a representação deste novo momento na cidade. E assim ergue-se Belo Horizonte com um projeto moderno, copiando a Paris de Haussman. Este processo pode ser notado também em outras cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro de Pereira Passos.

Da cidade inaugurada aos dias de hoje Belo Horizonte mudou muito. Tornou-se uma potência regional, articulada a todo território regional, com uma economia dinâmica e diversificada. Detentora de uma região metropolitana a capital mineira

possui uma população de aproximadamente três milhões de habitantes, a terceira maior do país.

Ao se transformar na cidade que havia sido pensada, Belo Horizonte também incorporou todas as características que uma cidade “grande” possui. Mudando, ou confirmando, as relações econômicas, sociais e culturais que uma metrópole está submetida. Sofreu, em moldes periféricos, a Revolução Urbana descrita por LEFÉBVRE (1972).

Uma metrópole gera várias alterações na vida cotidiana de uma pessoa. Local de muitas pessoas é ao mesmo tempo de todos e de ninguém. A enorme população ocasiona o convívio com o estranho, ou como preferem alguns: a sociabilidade. Convivemos com pessoas desconhecidas a todos os momentos, no trajeto de volta a casa no ônibus ao elevador na chegada ao serviço.

O crescimento econômico e populacional também atingiu Belo Horizonte. A cidade aderiu a economia de serviços, este setor absorve da Região Metropolitana de Belo Horizonte 70% da economia, estando 75% desta atividade concentrada na cidade belorizontina (ANDRADE; RONDON, 2002).

Ao aderir aos serviços, a urbanização da cidade modifica-se, pois uma cidade industrial tende a produzir apenas os insumos básicos a reprodução de sua força de trabalho, ao mesmo tempo que concentra o mercado, com o surgimento dos serviços a cidade passa a concentrá-los, pois neste setor as atividades existentes nele dependem de outras atividades do mesmo setor, gerando os centros urbanos (ANDRADE; RONDON, 2002, p.17).

A criminalidade na cidade cresceu espetacularmente nos últimos anos. De acordo com um estudo do Centro de Estudo a Criminalidade (CRISP, 2002) e o CEDEPLAR (2003) atingiu taxas de crescimento enormes:

Número absolutos de homicídio e roubo em Belo Horizonte (1995 - 2003)									
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Tentativa de Homicídio	1065	684	810	1307	876	1505	1252	1615	1724
Homicídio	127	135	137	281	220	431	362	601	755
Roubo	2205	2669	3900	5315	6398	4734	4552	8542	9839
Roubo a mão armada	1826	1922	2350	3200	3182	14815	12485	18440	26321
Fonte: CRISP/CEDEPLAR / Elaboração Própria									

Podemos observar que os crimes contra o patrimônio (roubo e roubo a mão armada) tiveram as maiores taxas de crescimento, representando 92% dos crimes cometidos na cidade. Os homicídios chamam atenção, a cidade já superou outras cidades tradicionais neste quesito, como a Cidade do México e Nova Iorque. De acordo com a Secretaria Nacional de Segurança Pública citado em CEDEPLAR (2003, p.9) o índice de homicídios por cem mil habitantes em Belo Horizonte é 30,1, enquanto na Cidade do México é 19,6.

### **Evidências das Geografias do Medo em Belo Horizonte**

O estudo realizado para a percepção das Geografias do Medo em Belo Horizonte utilizou um enfoque metodológico que permitisse a aproximação da vida cotidiana, o uso e apropriação do espaço e a violência/medo.

Sendo assim optamos pelo excessivo uso dos trabalhos de campo. Estes possuíam duas práticas: observação participante e entrevistas. A primeira refere-se a inserção do pesquisador no local de estudo, para assim se integrar com a realidade local. Na segunda optou-se pela elaboração de questionários semi-estruturados, entrevistando os diferentes usuários do espaço estudado de modo informal, permitindo a aproximação entre o pesquisador e o objeto de estudo, no caso os próprios entrevistados.

Os resultados indicaram duas importantes influências da violência/medo na cotidianidade. O primeiro é a lugarização na formação e consolidação de espaços seguros/inseguros. O segundo é a presença constante do medo nos comportamentos básicos das pessoas, gerando um intenso clima de tensão.



Estas dois componentes variam de acordo com os tipos de usuários do espaço. Dois grupos destacam-se: usuários constantes ou permanentes e os passageiros.

O primeiro grupo representa os indivíduos que utilizam o espaço de forma ampla, logo o local é utilizado como local de moradia, trabalho e/ou lazer. Neste sentido os usuários transformam o local em lugar, ou seja, “lugarizam” o espaço. Aproximando-se do espaço se apropriam dele criando laços afetivos e de pertencimento. Para estes o lugar não é perigoso, aliás, é sempre o local que assume a característica de perigoso, ou seja, é o distante ou não utilizado que o torna violento. Portanto os locais não freqüentados que possuem a percepção de perigoso, e num ambiente reconhecido pelos dados estatísticos como violento, porém apropriados cotidianamente, não são considerado pelos usuários deste modo. Estes usuários caminham despreocupadamente pelo lugar, estabelecendo relações com outros usuários, através de conversas informais (estas podem ocorrer desde colegas de trabalho aproveitando uma escada como banco e mantendo longas conversas após o almoço, até conversas no ponto de ônibus).

O segundo grupo é representado por aqueles que apenas passam pelo local. Para estes o local nunca se torna lugar, é apenas o local do ônibus ou do acesso a algum local da cidade que o leve ou proporcione alguma coisa. Neste sentido o clima é sempre tenso e estas pessoas caminham rapidamente, como se apenas quisessem ficar livres daquele espaço. Carregam seus pertences sempre à frente e próximos ao corpo, não param em nenhum momento, sendo extramente difíceis de serem entrevistados, pois qualquer abordagem ou contato com alguma pessoa é temido, pois a confiança no outro, diante do medo do local, é inexistente.

## **Considerações Finais**

O medo possui muitas nuances na sociedade. Estas diferentes percepções são determinadas pelas relações espaciais, gerando as geografias do medo.

O medo (re)cria na cidade uma nova arquitetura, tendo esta como principal característica a possibilidade de controle. Logo muros altos, cercas elétricas, guaritas de segurança (privada ou pública), câmeras de segurança no espaço público e

espaços residenciais isolados e periféricos, tornam-se normais e até mesmo necessários para o estabelecimento de um ambiente seguro.

Diante destas transformações procuramos demonstrar que a sensação de insegurança gerada pelo medo e a violência urbana é forjada através da cotidianidade espacial. Afinal é através de relações espaciais que o medo avança na sociedade e quando utilizamos o espaço apenas de modo funcional, como local de passagem e nos negamos, por necessidade ou vontade, a utilizá-lo ele se torna desconhecido. Portanto a falta de uso de transportes coletivos e o uso de espaços fechados para o lazer tornam-se comportamentos que isolam o usuário do espaço público, gerando através do afastamento um local em vez de lugar.

Mostramos através do estudo em uma área considerada como marginal, perigosa e violenta – seja pelo senso comum ou pelas estatísticas criminais da Polícia Militar – que o medo é relativo diante da relação que as pessoas estabelecem com o espaço.

Logo a compreensão do medo e violência urbana passa pelas relações espaciais e negá-las seria analisar o “problema” de modo incompleto e insuficiente.

Sendo assim propomos a volta ao espaço público, privilegiando a eficiência do transporte coletivo, em vez dos cofres públicos consumirem grandes quantias de dinheiro em obras que atendem apenas o veículo individual.

A cidade, em vez de espaço da sociabilidade deve ser da socialização, permitindo que a confiança se estabeleça entre os desconhecidos.

A solução deste problema ultrapassa medidas unidimensionais, como ações policiais, pois exige a multidisciplinaridade, afinal trata-se de um problema urbano e como tal deve ser entendido. A nós falta apenas apontar erros e soluções, tendo em vista sempre a esperança, que com o progresso pode trazer evolução, mas que para isso este deve ser repensado.

## **Referências Bibliográficas**

Andrade, Mônica Viegas e Rondon, Vinícius Velasco. *Uma estimativa dos custos da criminalidade em Belo Horizonte*. 2002. Anais do X Seminário sobre economia mineira.

- Arantes, Antonio Augusto. 2000. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus.
- Arendt, Hannah. 2003. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Arendt, Hannah. 2001. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Caldeira, Teresa Pires do Rio. 2000. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, Edusp.
- Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. 2002a. *Atlas de Criminalidade de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: CRISP.
- \_\_\_\_\_. 2002b. *A criminalidade na área do hipercentro de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: CRISP.
- Davis, Mike. 1992. *City of Quartz: excavating the future of Los Angeles*. Los Angeles: Vintage.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Ecologia do medo: Los Angeles e a fabricação de um desastre*. Record: Rio de Janeiro.
- De Certeau, Michel; Giard, Luce e Mayol, Pierre. 2003. *A invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Vozes: Petrópolis
- Jacobs, Jane. 2000. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lacerda, N.; Queiroz, I. S. *Do espaço urbano sob a égide do medo à cidade que medra: representações sociais e práticas cotidianas num ambiente marcado pelo medo da violência urbana*. 2005. Anais do XI Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.
- Lemos, Celina Borges. 1988. *Determinações do espaço urbano: a evolução econômica, urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte*. Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Lefévre, Henri. 1991. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica.
- Lynch, Kevin. 1988. *A Imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Melgaço, Lucas. 2006. Por uma ciência do atrito: ensaio dialético sobre a violência urbana. *Geografias* 1 (2): 98-110.
- Rykwert, Joseph. 2004. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Santos, Milton. 2004. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.

Tuan, Yi-Fu. 1983. *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.

\_\_\_\_\_. 2005. *Paisagens do medo*. São Paulo: UNESP.

Wacquant, Loïc J. D. 2001. *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada*. São Paulo: Revan.